



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



MODELO LARANJA – PROJETO DE PESQUISA

Práticas epistolares com refugiados africanos como educação midiática crítica e comunicação antirracista

Marina Lee Colbachini¹

As migrações forçadas constituem um dos principais desafios humanitários do século XXI e ocupam espaço crescente na cobertura jornalística internacional. Entretanto, a visibilidade concedida aos refugiados, especialmente aos provenientes da África Subsaariana, costuma ser marcada por enquadramentos que privilegiam a precariedade, a vulnerabilidade e a dependência da ajuda humanitária. Essas representações, embora frequentemente mobilizadas em nome da sensibilização pública, tendem a reduzir sujeitos complexos à condição de vítimas permanentes, invisibilizando suas trajetórias, saberes, formas de resistência e capacidade de produzir interpretações sobre a realidade em que vivem.

Nesse contexto, este trabalho discute práticas epistolares desenvolvidas entre estudantes brasileiros e refugiados africanos como experiências de educação midiática crítica e comunicação antirracista, compreendendo a troca de cartas como um dispositivo de escuta, mediação intercultural e produção compartilhada de narrativas. A pesquisa parte de uma perspectiva decolonial para problematizar os modos pelos quais discursos midiáticos e humanitários reproduzem hierarquias coloniais ao atribuírem aos refugiados o lugar de objetos da compaixão, e não de sujeitos da comunicação. Tal lógica reforça uma racionalidade que individualiza o sofrimento e obscurece os processos históricos, políticos e econômicos responsáveis pelos deslocamentos forçados, como o colonialismo, a exploração de recursos naturais, os conflitos armados e as desigualdades produzidas pelo sistema econômico global.

Dessa forma, ao invés de reconhecer a pluralidade das experiências africanas, parte da mídia contribui para consolidar imagens homogêneas que limitam a compreensão pública sobre o refúgio e suas múltiplas dimensões sociais, culturais e históricas. Em contraposição a essas narrativas, o estudo analisa a correspondência estabelecida entre estudantes brasileiros do Ensino Médio e jovens congoleses em situação de refúgio no próprio país. O corpus da pesquisa é constituído por aproximadamente sessenta cartas, além de fotografias, vídeos e registros produzidos ao longo do intercâmbio. As cartas foram escritas em língua inglesa, compreendida não como instrumento de reprodução da colonialidade linguística, mas como língua de interlocução internacional capaz de favorecer encontros interculturais, ampliar repertórios e produzir formas de comunicação orientadas pela reciprocidade e pela escuta. O referencial teórico articula contribuições de Frantz Fanon, Achille Mbembe, Paulo Freire e Muniz Sodré para compreender as relações entre colonialidade, linguagem, comunicação e produção de conhecimento. Fanon contribui para refletir sobre os efeitos da colonização na constituição das subjetividades e nas formas de

¹ Doutoranda em Divulgação Científica e Cultural. E-mail: leecolbachinimarina@gmail.com



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



representação do sujeito negro. Mbembe oferece elementos para compreender a gestão diferencial da vida e da morte em contextos marcados pela necropolítica e pelas desigualdades globais. Paulo Freire fundamenta a compreensão da educação como prática dialógica e emancipatória, baseada na escuta e na construção coletiva do conhecimento. Já Muniz Sodré possibilita pensar a comunicação para além da circulação de informações, entendendo-a como produção de vínculos, reconhecimento e constituição do comum. Esses autores dialogam com perspectivas contemporâneas da educação midiática que defendem uma formação crítica voltada não apenas para a leitura das mídias, mas também para a democratização da produção de narrativas.

Metodologicamente, a investigação aproxima-se da pesquisa participante e das pedagogias dialógicas, compreendendo as cartas como dispositivos comunicacionais que favorecem processos de alteridade, reconhecimento mútuo e deslocamento de estereótipos. Diferentemente da comunicação acelerada característica das plataformas digitais, a escrita epistolar pressupõe tempo, elaboração, expectativa e resposta, possibilitando uma experiência de escuta que valoriza a singularidade de cada interlocutor. Nesse processo, brasileiros e congoleses deixam de ocupar posições fixas de emissor e receptor para tornarem-se coprodutores de narrativas, compartilhando histórias, expectativas, dúvidas e projetos de futuro. As cartas revelam que os refugiados não se apresentam apenas como sujeitos marcados pela guerra ou pela pobreza, mas como estudantes, trabalhadores, artistas, líderes comunitários e pessoas que formulam críticas, desejos e perspectivas sobre o mundo.

Os resultados indicam que a prática epistolar amplia as possibilidades da educação midiática ao deslocar seu foco do domínio técnico das mídias para uma dimensão ética, política e relacional da comunicação. Ao favorecer a circulação de narrativas produzidas pelos próprios refugiados, as cartas desafiam representações hegemônicas frequentemente difundidas pelos meios de comunicação e criam condições para uma comunicação antirracista comprometida com a justiça cognitiva, a pluralidade de vozes e a valorização de epistemologias historicamente marginalizadas. Mais do que uma estratégia para o ensino da língua inglesa, a correspondência constitui uma prática pedagógica capaz de promover cidadania global crítica, estimular a reflexão sobre desigualdades estruturais e fortalecer processos de escuta intercultural. Conclui-se que experiências comunicacionais fundamentadas na horizontalidade, na escuta e na autoria compartilhada representam caminhos promissores para a construção de uma educação midiática comprometida com a transformação social. Ao possibilitar que refugiados africanos narrem suas próprias histórias e sejam reconhecidos como sujeitos produtores de conhecimento, as práticas epistolares contribuem para tensionar imaginários coloniais, ampliar repertórios comunicacionais e reafirmar o papel da comunicação na promoção de relações mais democráticas, antirracistas e socialmente justas.

Palavras-chave: educação midiática; comunicação antirracista; refugiados africanos; práticas epistolares; escuta decolonial.



COMO SERÁ O
AMANHÃ?

13º ENCONTRO DE DIVULGAÇÃO DE CIÊNCIA E CULTURAL



REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.